

NARRATIVAS VISUAIS: A PRODUÇÃO DE UM CURTA-METRAGEM COMO EXPERIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE SABERES

VISUAL NARRATIVES: A STUDENT WORKING GROUP ON SHORT FILMS
AND THE AUDIOVISUAL EXPERIENCE AS A CONSTRUCTION OF
KNOWLEDGE

Aline Cristina de Souza¹
Ana Carolina Aparecida Teixeira²

RESUMO: Este artigo relata a experiência e os resultados obtidos por uma monitora ao utilizar o audiovisual como ferramenta de ensino e aprendizagem no Centro Pedagógico da UFMG, por meio do Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) de Narrativas Visuais: Curta-Metragem. O projeto tinha como objetivo incorporar o cinema à educação e à política, em consonância com as diretrizes da LDBEN, que preveem a exibição de filmes nacionais como recurso didático. A abordagem adotada foi baseada nos estudos de Migliorin, que propõe o cinema como um processo pedagógico ativo, e de Belloni, que destaca a autodidaxia dos estudantes na mídia-educação. Dessa forma, o GTD proporcionou aos alunos a oportunidade de assistir a curtas-metragens e criar suas próprias produções, expressando suas perspectivas e desenvolvendo uma compreensão crítica do audiovisual.

Palavras-chave: Audiovisual; Cinema na Educação; Mídia-Educação; GTD; Narrativas Visuais.

ABSTRACT: This article reports the experience and results obtained by a monitor in using audiovisual media as a teaching-learning tool at the Pedagogical Center of UFMG through the Student Working Group (GTD) on Visual Narratives: Short Films. The project aimed to integrate cinema into education and politics, in alignment with the guidelines of the LDBEN, which mandate the screening of national films as an educational resource. The adopted approach was based on the studies of Migliorin, who proposes cinema as an active pedagogical process, and Belloni, who highlights students' self-directed learning in media education. Thus, the GTD provided students with the opportunity to watch short films and create their own productions, allowing them to express their perspectives and develop a critical understanding of audiovisual media.

Keywords: Audiovisual; Cinema in Education; Media Education; GTD; Visual Narratives.

INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios do estudante de licenciatura é ter uma experiência em sala de aula que transcenda os estágios obrigatórios na grade curricular do seu curso. O contato com os estudantes, antes formado, ajuda o licenciando a entender melhor as demandas que os alunos têm, tanto em questão de ensino quanto em relação ao aprendizado. É neste

¹ Professora Adjunta do Departamento de Educação (DEEDU) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) - alinezenaro@gmail.com

² Aluna graduanda de Letras-Licenciatura com ênfase em Língua Portuguesa na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - carolinasstxr@gmail.com

contexto, que o Programa Imersão Docente (PID) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) atua, tendo por objetivo inserir e proporcionar aos discentes a experimentação docente em um Colégio de Aplicação. Como proposta de atuação ele delimita: 1) inserção na sala de aula, enquanto monitor de turma e, 2) oferta de disciplina no Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), que compõem a parte diversificada do currículo.

Este documento se atentará, especificamente, à atuação da monitora no GTD, enquanto regente da disciplina ofertada. A proposta parte da necessidade de elaborar uma aula que fugia dos padrões tradicionais de sala de aula e que fosse da área de interesse da monitora, surge então, o GTD “narrativas visuais: curta-metragem”, que apresenta como ponto principal a exibição de curtas brasileiros e internacionais, já que o audiovisual consiste em uma ferramenta importante para o ensino e para a aprendizagem dos estudantes.

A mídia está cada vez mais presente nas escolas, principalmente pelo fato de os alunos terem mais acesso à internet e a celulares. Em consonância, as escolas buscam estratégias para alinhar as multimídias ao pedagógico. Para tanto, os educadores podem usufruir da tecnologia para gerar interesse e identificação dos estudantes.

Com base nisso, esse artigo visa relatar a experiência da monitora na oferta de GTD “narrativas visuais: curta-metragem”, ao levar curtas para a aula com o intuito de promover o audiovisual e criar debates sobre temas propostos, como o racismo e o capacitismo, por exemplo. Além disso, o foco do GTD era também fazer com que os estudantes utilizassem os recursos permitidos, como o celular e a câmera, para criarem o seu próprio curta.

O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

O audiovisual é um recurso didático eficaz para atrair a atenção dos estudantes ao terem contato com diversos temas através das multimídias. Neste contexto, a Reforma de Fernando de Azevedo, em 1928, já trazia a ideia do cinema como método educativo para o ensino e para a aprendizagem. Somado a isso, no Art. 26, parágrafo 8 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, consta que: “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas (2) horas mensais”.

A proposta de exibição de filmes como um recurso didático diferente vai além de atrair a atenção dos alunos, colabora para instigar a imaginação desses sobre o que está sendo visto em tela. Com esse recurso, podemos atrair um fomento político dentro de sala, já que por meio das mídias torna-se mais ampla a possibilidade de compreender temas e realidades diferentes das que os estudantes convivem, pois “o cinema, antes de ser discursivo, é um perturbador de ordens estéticas e, consequentemente, um operador político” (Miglorin, 2015, p.64).

É perceptível que grande parte das mídias utilizadas pelos adolescentes não apresentam didática pedagógica e, muitas vezes, colaboram para a retirada da atenção dentro de sala. Dessa forma, acredita-se que trazer o cinema para este cenário além de

atrair a atenção dos estudantes, tende a auxiliar em diferentes aspectos pedagógicos, como interpretação, por exemplo. Segundo Moran (2000), não deixar o recurso cinematográfico virar apenas uma obrigação dos alunos consiste em um desafio para os docentes, no entanto, objetiva-se que por meio dele seja despertada a curiosidade para além dos espaços escolares. O autor indica ainda que para mudar a sociedade, é importante transformar também a educação e a tecnologia, que junto com o docente, podem ajudar nesse avanço.

Partindo disso, compreende-se que ao usar o cinema como instrumento informativo/pedagógico em aula, possibilita a construção do processo nos estudantes que Belloni (2009) descreve como a autodidaxia, ou seja, um novo modo de aprender. Com a mídia, os estudantes adquirem novos saberes, no entanto, configura-se um novo desafio fazer com que diante de todos os estímulos existentes, eles consigam priorizar o ato de assistir a um filme, sendo este um momento onde faz-se necessário parar e digerir tudo que uma cena traz, não somente nas falas, mas também na sua composição, a iluminação usada, os movimentos da câmera, dentre outros elementos.

A FORMAÇÃO DOCENTE NA ESCOLA CENTRO PEDAGÓGICO

O Programa de Imersão Docente (PID) da UFMG, consiste em um projeto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), voltado para que alunos de diferentes cursos atuem como monitores no Centro Pedagógico (CP) – Colégio de Aplicação da universidade.

O CP é um Colégio de Aplicação com 70 anos, que atende 450 estudantes de 1º a 9º ano do Ensino Fundamental. Subdividido em três ciclos de formação humana, apresenta a seguinte configuração: o 1º ciclo refere-se às turmas do 1º ao 3º ano, no 2º ciclo - as turmas de 4º a 6º ano e, por fim, no 3º ciclo - as turmas de 7º a 9º ano. Trata-se de um colégio de tempo integral, com funcionamento das 7h30min às 14h30, com perspectiva de tempos e espaços diferentes.

É neste contexto que o Programa PID se insere, os monitores atuam por 20 horas semanais, sendo 15 horas em sala de aula, auxiliando os professores com os alunos, podendo ter entre esses estudantes Público Alvo da Educação Especial (PAEE), e mais cinco (5) horas destinadas para reuniões de formação com a coordenação do PID, com os professores de ciclo e com o orientador.

A escola possui uma proposta pedagógica diferenciada, que possibilita aos monitores - escolhidos por meio de um edital -, uma oportunidade de ter seu primeiro contato com a sala de aula, além de um espaço voltado para a oferta de uma disciplina no horário do Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), podendo ser na sua área de formação inicial na graduação ou não.

O grupo de trabalho diferenciado (GTD)

O GTD compõe a parte diversificada do currículo de estudantes do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da UFMG. Atualmente, é ofertado três (3) vezes na semana.

A dinâmica do GTD varia nos diferentes ciclos, no 1º ciclo os docentes escolhem os GTDs a serem cursados por cada aluno. No 2º e 3º ciclo, os estudantes já podem escolher, por meio de um formulário, quais disciplinas eles querem cursar. Cada estudante escolhe até três GTDs por semestre. Cada um dos ciclos conta com uma comissão docente, que organiza o quantitativo de ofertas e distribui os estudantes por turma, sendo que cada turma pode ter de nove a 12 estudantes. A comissão também é responsável por delimitar os espaços específicos para cada disciplina.

Os GTDs do 1º e 2º ciclo são semestrais, enquanto que o 3º ciclo tem uma proposta ainda mais complexa, com trocas no meio do semestre. A partir de um diálogo com estudantes e monitores, foi indicada a necessidade de rotatividade entre os GTDs, com o objetivo de dinamizar as ofertas e contemplar de forma mais efetiva os discentes. Após um projeto piloto, foi instaurado o seguinte desenho: os estudantes indicam os GTDs que querem participar e a cada sete ou oito semanas os GTDs são finalizados, o que configura sete ou oito aulas, possibilitando então, a troca e a dinamização da proposta.

É preciso ressaltar que os GTDs são ofertados prioritariamente por monitores do Programa PID, mas alguns docentes também podem ofertar. Cada monitor pode dar até dois (2) GTDs por semestre. Dessa forma, eles conseguem ter pelo menos duas (2) ou quatro (4) experiências diferentes por semestre.

A temática de cada GTD é escolhida pelo próprio monitor em conjunto com o seu orientador, podendo ser a partir da sua área de formação ou da sua área de interesse. O desenho do GTD - ementa, materiais, recursos e o cronograma são delimitados pelo monitor com acompanhamento semanal do seu orientador.

O GTD NARRATIVAS VISUAIS: CURTA-METRAGEM

Como dito anteriormente, a escolha do tema para o GTD é feita de forma conjunta com seu orientador. No 2º semestre de 2024, foi atribuído para a monitora a oportunidade de dar o GTD e o tema escolhido, junto com a orientação, foi trazer o audiovisual, já que era um assunto de afinidade da monitora e não era uma matéria abordada na grade curricular do 3º Ciclo do CP. Dessa forma, criou-se o GTD “Narrativas visuais - curta-metragem”.

O objetivo deste GTD foi apresentar diferentes curtas-metragens para os estudantes para, posteriormente, produzirem seus próprios curtas em grupo.

Tabela 01 - Calendário do GTD ministrado

TURMA	DIA DA SEMANA	PERÍODO
TURMA A - 7º e 8º Ano	Segunda-feira	(agosto a outubro)
TURMA B - 8º e 9º Ano	Segunda-feira	(outubro a dezembro)

Fonte: própria autora, 2024

A partir da tabela acima pode-se indicar que foram sete semanas para a primeira oferta, enquanto oito semanas para a segunda oferta.

A Primeira Oferta

A primeira turma foi composta por nove alunos, sendo seis do 8º ano e três do 7º ano. Em um primeiro momento, os estudantes apresentaram resistência com o GTD, acredita-se que isso se deve ao fato de não ter sido a escolha principal de cada um, já que era uma turma formada para a oferta com temática de biologia de um outro monitor que se desligou do PID.

É preciso ressaltar que nem sempre os estudantes são contemplados no processo de escolha, a comissão de GTD tenta ao máximo garantir os desejos e preferências de todos, mas existem inúmeras variáveis que podem contribuir para que intercorrências aconteçam, como por exemplo, oferta de GTD inferior a esperada, o que ocasiona em um número maior de alunos por turma e, conseqüentemente, em agrupamentos que podem não considerar a preferência do estudante.

Mediante o cenário supracitado, foi necessário enfrentar problemas como o desinteresse dos alunos, principalmente na hora de escolher um tema para o curta que eles deveriam desenvolver. Diante disso, percebeu-se que o ideal era o tema livre³, para que eles gravassem na temática que mais lhes eram confortáveis. Em um primeiro momento foi apresentado o cronograma do GTD, descrito a seguir:

Tabela 02 - Plano de aula da Turma A

AULA	CRONOGRAMA
Aula 1	Apresentação do GTD e formação de grupos.
Aula 2	Exibição de um curta-metragem
Aula 3	Exibição de um curta-metragem
Aula 4	Aula sobre enquadramento e criação do roteiro
Aula 5	Aula para a filmagem do curta
Aula 6	Aula para a edição e montagem do curta
Aula 7	Exibição dos trabalhos finais

Fonte: própria autora, 2024

A partir da tabela acima, pode-se observar que a disciplina ofertada encontra divisão considerável entre as apresentações e demandas para cada estudante, no entanto, tem um caráter mais objetivo e direto, com tempo reduzido.

Em um primeiro momento, foi apresentado para os alunos alguns curtas-metragens

³ No planejamento do GTD, a ideia era de que os alunos fizessem um curta pensando na adolescência e seus problemas, na perspectiva e olhar de cada aluno.

com temáticas diferentes e que promovessem discussões, a partir da interpretação de cada um. O primeiro curta-metragem discutido foi “Fitas” (2020), dirigido por Erica Milson e que conta a história de uma menina com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e um colega que não tinha conhecimento acerca da condição apresentada pela menina. No decorrer do filme, muitas situações referentes ao TEA promovem receios no menino que não sabe como lidar ou agir, no entanto, por meio do diálogo ele consegue encontrar soluções e entender melhor como acalmar sua nova amiga.

Após a apresentação abriu-se para a discussão entre os estudantes, estes deveriam indicar suas impressões e reflexões acerca do filme. É preciso ressaltar que o colégio possui 43 estudantes PAEE, sendo 25 com TEA, portanto, não é uma temática que foge à realidade dos alunos. O curta gerou discussões interessantes, já que os próprios alunos perceberam que também não sabem lidar com seus colegas PAEE e indicaram a importância de ter paciência e carinho com eles.

O segundo curta foi o “Meu Amigo Nietzsche” (2012), dirigido por Fáuston da Silva, que narra a história de um menino que acha um livro perdido no lixão e começa a assustar seus familiares e professores. A partir dele foi possível discutir acerca da desigualdade social e a importância da leitura como fomento de senso crítico.

Após essas exposições, as aulas pautaram-se no enquadramento e planos de um filme com exibição de pequenos trechos e, após esse momento, foi aplicado de forma verbal um questionário com fotos dos enquadramentos que entreteve os alunos.

Apesar da resistência, os adolescentes se empenharam em construir o roteiro. Foram formados três grupos e cada um poderia escolher o tema do seu respectivo curta. Dois dos três grupos preferiram usar o tema que mais os agradavam, o futebol. Já o terceiro grupo, pensou em criar uma proposta sobre as memórias afetivas que a escola trazia para eles. Para a gravação, foram utilizados celulares dos componentes de cada um do grupo para compor as cenas. E na edição, eles também priorizaram usar o celular, já que o computador da escola não tinha um programa próprio de edição. Apesar de ser uma ferramenta eficaz para criação do trabalho, os estudantes acabavam se distraindo com o uso do celular, o que dificultou o andamento do trabalho.

No último dia de aula, que estava marcado para a exibição dos trabalhos, somente dois dos três grupos apresentaram os curtas filmados. Os estudantes ficaram muito insatisfeitos de fazerem o trabalho proposto e não levaram com seriedade o que foi pedido a eles. Além disso, o uso do celular atrapalhou bastante o andamento das aulas, principalmente porque eles preferiam ficar assistindo vídeos nos momentos destinados para a gravação. Quando os grupos se formaram, alguns estudantes ficaram sem agrupamentos, o que aumentou a resistência deles em fazer o trabalho. Também pode ser observado que deixar um tema livre, sem um foco pré-estabelecido fez com que os estudantes não pensassem em temas mais profundos ou que saíssem da zona de conforto, além de não estimular a criatividade deles.



Figura 01 - Curta de um grupo da Primeira Oferta.

Fonte: Acervo pessoal, 2024

No entanto, essa experiência foi importante porque através dos desafios, a monitora conseguiu perceber que os desafios vivenciados durante o andamento do GTD – como o uso excessivo do celular, por exemplo – e, assim, fazer os ajustes necessários para a segunda oferta.

Além disso, na finalização do curta, encontrou-se como elemento dificultador encontrar computadores compatíveis para a edição. Da mesma forma, os alunos também tiveram dificuldade para encontrar meios de edição, o que acarretou na individualidade do trabalho, uma vez que apenas um aluno de cada grupo se tornou responsável pela edição do curta de seus respectivos trabalhos, o que gerou frustração e insatisfação dos alunos.

A Segunda Oferta

Para a nova oferta, foram feitas algumas resoluções dos problemas citados acima. A proposta continuava a mesma, com a exibição de curtas, sua posterior discussão e a proposta de elaboração, roteirização e gravação dos estudantes do próprio curta no final do GTD. Porém, para melhor andamento das aulas, os grupos foram formados pela própria monitora.

Após a apresentação do cronograma da disciplina, foi aplicado um questionário em duas temáticas pré-estabelecidas pela monitora. Os temas do questionário e que nortearia o GTD foram escolhidos em momento de orientação, para que dessa vez os estudantes tivessem um foco determinado e pesquisassem sobre assuntos relevantes para o momento. Também, foi concedido pela escola o empréstimo de duas câmeras profissionais⁴, que possibilitou estruturar a gravação do trabalho final. Um curta seria feito em forma de

⁴ O CP conta em seu currículo com a disciplina de Arte, a qual é subdividida em diferentes segmentos – como artes visuais, artes plásticas, música, teatro, dança. Os estudantes têm ao longo dos nove anos na escola, a possibilidade de aprender os diferentes segmentos supracitados. A professora de artes visuais cedeu seu espaço, bem como seu equipamento para que a monitora pudesse realizar com excelência seu GTD.

fotos, com a referência do curta Vinil Verde (2004) de Kleber Mendonça Filho mostrado a eles, e o outro seria em forma de vídeo.

Os temas foram escolhidos de acordo com as orientações semanais, onde percebeu-se uma necessidade de atenção à assuntos relacionados ao capacitismo. Apesar de ser uma escola referência em educação inclusiva, muitos alunos ainda não entendem a importância da presença de alunos PAEE e as respectivas demandas apresentadas. Durante o monitoramento de sala no 3º Ciclo, foram presenciadas atitudes e falas pejorativas em relação à alunos com deficiência ou até mesmo suas características, sendo usadas como forma de xingamento a outros alunos.

Além disso, outros monitores presenciaram falas racistas por parte dos estudantes, que apesar de terem na grade curricular matérias que abordam uma educação antirracista, ainda usam palavreados pejorativos e as atribuem a outros colegas. Pensando nisso, a segunda oferta do GTD “narrativas visuais: curta-metragem”, com a turma composta por 12 alunos, sendo dois do 8º ano e 10 do 9º ano, se concentrou em trabalhar com duas principais temáticas, racismo e capacitismo. O cronograma delimitado para esta oferta está descrito abaixo.

Tabela 03 - Plano de aula da Turma B

AULA	CRONOGRAMA
Aula 1	Aula sobre Capacitismo, aplicação do questionário e exibição do curta.
Aula 2	Aula sobre Racismo, aplicação do questionário e exibição do curta.
Aula 3	Montagem de grupos e roteiro
Aula 4	Aula de enquadramento e planos
Aula 5	Gravação do curta
Aula 6	Gravação do curta
Aula 7	Edição e Montagem do curta
Aula 8	Exibição dos curtas produzidos

Fonte: própria pesquisadora, 2024

Com o recorte temático delimitado, realizou-se, posteriormente, um mapeamento acerca dos conhecimentos prévios dos estudantes a partir das temáticas supracitadas - capacitismo e racismo. **Na primeira aula**, aplicou-se o questionário que abordava as seguintes perguntas:

1. O que é capacitismo? Dê exemplos.
2. O que é inclusão escolar?
3. Como você vê a inclusão na nossa escola?
4. Você acha que existem falas capacitistas na nossa escola?
5. Se sim, como podemos modificar esse cenário?

Pelas respostas, foi possível compreender que os alunos entendem o significado da

palavra capacitista e acreditam que a inclusão é feita dentro da escola. No entanto, apontam que presenciaram diversas vezes falas preconceituosas sobre esses estudantes, apesar de indicarem que a escola, como espaço, era um ambiente inclusivo. Somado a isso, eles também perceberam que o comportamento de seus pares com colegas PAEE não refletia a inclusão.

Segundo Vendramin (2019, p.16) – “capacitismo é a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes”. Nesta mesma linha de raciocínio, Fiona Campbell (2008) define o capacitismo como “uma atitude que diferencia e desvaloriza as pessoas com deficiência por meio da avaliação da capacidade corporal e/ou cognitiva.” (Ivanovich; Gesser. 2020, p. 2). Mediante as respostas obtidas pelos estudantes, pode-se considerar que a perspectiva capacitista permeia o espaço educacional em destaque.

É a partir desta leitura das respostas, que se observa um novo desafio para a escola, como consequentemente para a monitora, promover a compreensão de que, se ainda existem falas ou atitudes capacitistas proferidas a alunos PAEE, então a inclusão ainda não é realizada de modo efetivo.

Quando questionados acerca de possibilidades interventivas para modificar esse cenário observou-se que muitos alunos não souberam responder. Para alguns, a punição é a medida, considerando a gravidade do ato cometido, enquanto que para outros, o diálogo era necessário, indicando então, a necessidade de se conversar mais sobre o tema.

No entanto, há que se ressaltar que o diálogo em torno do capacitismo ainda não se faz realidade ou mesmo constante no cenário educacional. É o que confirma Sanches, Araújo e Potin (2022, p.3), ao indicarem que:

O termo capacitismo ainda é pouco abordado dentro do contexto escolar, porém muitos professores e funcionários da escola ao tratar o aluno com deficiência como inferior geram preconceitos, principalmente quando estigmatizam o aluno como se o mesmo não fosse capaz de aprender, sendo que todas as ações educacionais devem considerar as características e potencialidades de cada estudante.

Portanto, após as discussões no GTD, eles concluíram que era importante entender a gravidade existente em torno de falas capacitistas ou de práticas que excluía os alunos PAEE no ambiente escolar, de modo que essa mudança começasse a ser feita por eles mesmos.

Somado a isso, foi passado o curta de animação “Ian, uma história de inclusão” (2018), dirigido por Abel Goldfarb que conta a história de uma criança com Paralisia Cerebral (PC) e sua luta em conquistar novos amigos. Os estudantes se sensibilizaram com o curta, por já conhecerem dois colegas da escola que também possuem paralisia cerebral, mas o elemento principal em torno deste curta se deu com a conscientização dos próprios estudantes em relação aos seus pares e as ações praticadas.

Diante disso, ilustramos abaixo, as respostas obtidas no questionário aplicado pela monitora acerca do capacitismo.

1. Capacitismo é quando alguém julga uma pessoa por sua diferença.
2. Por exemplo, julgar alguém por ter síndrome de Down.
3. Inclusão escolar é você incluir uma pessoa que tem diferenças.
4. Eu acho que é mais ou menos, pois tem pessoas

que incluem e outras não. Infelizmente sim. 5. Mostrando a quem faz isso, que é importante respeitar os outros e que é bom ser diferente. (Resposta da aluna A sobre o 1º questionário).

A partir das respostas é possível compreender que os estudantes entendem o funcionamento lógico do capacitismo, como uma ação - preconceito e discriminação -, praticado a alguém devido as suas deficiências e/ou transtorno. Entretanto, eles não entendem o “capacitismo velado”, tão marcado e presente na instituição escolar, que se manifesta por condutas e ações que excluem os alunos PAEE, com piadas e brincadeiras acerca de suas características. É preciso indicar que tais atitudes partem não somente de alunos, mas também profissionais e professores atuantes na escola.

Uma outra postura manifestada pelo capacitismo remete-se a alusão de que alunos com deficiência devem ser vistos como “coitados” ou “incapazes” de realizar as práticas escolares e pedagógicas. Sobre isso, Andrade (2015, p.3) descreve como a lógica capacitista se configura como uma “mentalidade que lê a pessoa com deficiência como não igual, incapaz e inapta” e, isso se dá pela forma como as pessoas creem que o “ideal de corpo funcional tido como normal para a raça humana, do qual, portanto, quem foge é tido, consciente ou inconscientemente, como menos humano”.

Dando continuidade ao cronograma, na segunda aula foi abordado o tema racismo, onde a monitora usou um trecho da música “Favela Vive” do rapper Djonga para introduzir o questionário:

1. Você já presenciou situações de racismo? Dê exemplos.
2. O que é desigualdade social?
3. Como o racismo contribui para a desigualdade social?
4. Você consegue apontar situações de racismo no seu cotidiano?
5. De que maneiras a sociedade pode combater o racismo e promover a igualdade?

De maneira oposta a primeira aula, os alunos conseguiram responder com mais facilidade por ser um tema bastante presente na grade curricular deles, inclusive temática obrigatória⁵. Ainda assim, todos responderam que já presenciaram dentro de sala de aula atitudes racistas, outros contextualizaram situações vivenciadas.

Os estudantes conseguiram perceber que o racismo estrutural está presente na escola, uma vez que pontuaram a ausência de professores negros no colégio em que frequentam, dentre 70 docentes, cerca de 7% (sete) por cento se declaram negros.

Posteriormente, os estudantes assistiram ao curta “Trovoada” (2019), dirigido por Renan Eduardo, que em um minuto sintetiza de forma arrebatadora a violência nas comunidades com dois protagonistas negros. A fala ilustrativa abaixo, indica a percepção e vivência em torno do racismo de um estudante da disciplina:

⁵ Lei 10.639 (Brasil, 2003) - possui papel importante para o desenvolvimento de uma educação antirracista, pois, ao incluir a História da África e a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana como temas obrigatórios nos âmbitos dos currículos escolares, possibilitou uma guinada significativa para a sua valorização.

1. Já, comigo com um aluno da minha sala. 2. Desigualdade social é quando diminui uma classe por mais ou menos condição que outras. 3. Ele contribui para os negros terem “menos” chance de ter algo, mas fica “difícil” por causa do racismo estrutural, com negros terem mais chance de ser discriminado só por ter um cabelo descolorido por exemplo. Consigo, principalmente na minha sala, com falas bem racistas. Podemos combater tendo para aqueles que são racistas uma punição mais severa. E combater a desigualdade com mais palestras e manifestações em ruas e mais pressão no governo, para que tenha uma igualdade com mais cotas, educação antirracistas etc. Resposta da aluna B sobre o 2º questionário.

O racismo se manifesta no preconceito e na discriminação baseado em perspectivas sociais acerca de diferenças biológicas de raça e povos. No ambiente escolar, é muito importante que os docentes discorram sobre a temática para auxiliar no aprendizado dos alunos. A escola, como instituição social, é responsável “pelo processo de socialização, tem um importante papel sobre a formação da consciência histórica educandos, e para desmistificar os estereótipos raciais” (Silva; Santos; Oliveira; 2014, p. 04).

Com os temas debatidos e os grupos separados, o próximo passo foi a criação do roteiro de cada curta-metragem, onde a monitora deixou que eles abusassem da imaginação para a elaboração do enredo, intervindo quando necessário. O primeiro grupo optou por contar a história de um menino com TEA que era excluído pelos colegas de turma, mas que com a ajuda de um amigo que o apoiava, conseguiu se enturmar e superar uma crise. Nas discussões em sala foi abordado a forma como os alunos devem auxiliar o seu colega PAEE quando essa passa por um momento de desregulação, o que para os estudantes é um processo difícil e que necessita bastante paciência, já que normalmente nas escolas não é abordado como você deve lidar com isso.

O segundo grupo, resolveu contar a história de um menino que sofria racismo por uma colega da turma, mas que a ajudou quando ela precisou de uma doação de sangue. Nesse mesmo curta, foi mostrado como algumas pessoas não concordavam com as atitudes racistas de uma colega, mas ao se calar, também se mostrava conveniente com tudo isso. Abordamos esse assunto ao lermos nas respostas situações onde ocorreram atitudes e falas racistas com colegas de classe, em que não houve a intervenção dos estudantes, apesar de saberem que essa atitude era errada.



Figura 02 - Curta do Grupo 1 – Capacitismo

Fonte: Oriundo da pesquisa, 2024

Apesar de agirem de forma cômica em certos momentos do roteiro, a perspectiva deles acerca dos temas possibilitou levar para o curta a mensagem de elementos importantes e, com isso, concluírem com esse GTD: de que não podem excluir os colegas PAEE e que o racismo é errado e precisa ser combatido, a começar por eles. No final, foi feita uma declaração de cada um sobre o que eles aprenderam com as aulas e a importância de se conversar sobre isso nos espaços.

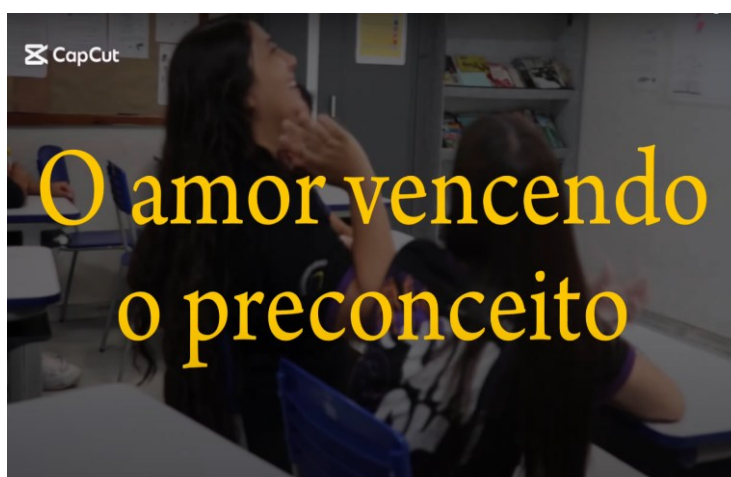


Figura 03 - Curta do Grupo 2 - Racismo

Fonte: Oriundo da pesquisa, 2024

Nesta oferta, os dois grupos apresentaram os trabalhos finais em uma aula especial para a exibição, com pipoca feita pela monitora para imergir a experiência de um cinema feito por eles. Os estudantes mergulharam nos temas propostos e, pela visão deles,

produziram os dois curtas pedidos. O uso das câmeras também possibilitou que eles se animassem ao utilizar uma ferramenta nova que eles não tinham contato, fazendo com que todos dos grupos se arriscassem um pouco para assumir a câmera.

Diante do exposto, pode-se observar a diferenciação entre as duas ofertas de GTD, no qual a segunda possibilitou maior aprofundamento discursivo e reflexivo, além de um engajamento mais significativo por parte dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciação à docência é uma preocupação para os estudantes de licenciatura, visto que as experiências em sala de aula variam de acordo com as diferenças das turmas. Apesar da proposta de GTD ter sido a mesma para as duas turmas com a criação de um curta, é perceptível que com um recorte de tema previamente indicado, gerou um melhor resultado.

Além disso, o uso de materiais específicos, como câmeras no lugar dos celulares, melhorou o processo de criação do trabalho, uma vez que os alunos além de se animarem mais, não ficaram tão dispersos ao usar o celular. A produção dos alunos junto ao audiovisual, possibilitou vislumbrar o interesse deles pela mídia e, apesar de nem todos se interessarem, os resultados foram inspiradores, o que consequentemente motiva a permanência na graduação em licenciatura.

Um desafio vivenciado remete-se à falta de amparo técnico a que as escolas estão submetidas. A segunda oferta foi realizada com melhor aproveitamento pelo suporte da escola em emprestar duas câmeras para a aula. Apesar do Centro Pedagógico possuir bastante recursos tecnológicos para os alunos, ainda assim não se faz realidade constante em todas as escolas do Brasil. Para a monitora, que é estudante de licenciatura, esse fator foi significativo para perceber que a experiência do audiovisual se completa mais quando recursos próprios são concedidos para a docência.

Em síntese, considera-se relevante indicar que apesar das dificuldades encontradas, como a resistência dos estudantes ao ter que fazer um trabalho que demanda pensar e ter senso-crítico, a experiência de ministrar um GTD foi uma oportunidade inspiradora para a formação docente, por se perceber o quão importante ainda é abordar temas como o racismo e o capacitismo, que mesmo sendo ensinados na grade curricular, os alunos ainda possuem dificuldades para perceber como essas micro agressões são feitas dentro da escola.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Sidney. **Capacitismo: o que é, onde vive, como se reproduz?** Disponível em: <<https://medium.com/@sidneyandrade23/capacitismo-o-que-%C3%A9-onde-vive-como-se-reproduz-5f68c5fdf73e>>. Acesso em: 26 mar. 2025

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3 ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Constituição Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 1988.

_____. **Lei nº 9.394**, de 23 de dezembro de 1996. Lei que fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

_____. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003.

EIRAS, Rafael Garcia Madalen. Cinema como prática na escola: A representação do outro no contexto escola. **Revista Brasileira de Educação Básica Online**, Vol. 6, Número 25, julho – dezembro, 2022, ISSN 2526-1126. Disponível em: <<https://rbeducacaobasica.com.br/2022/12/12/cinema-como-pratica-na-escola-a-representacao-do-outro-no-contexto-escola/>>. Acesso em: 04 mar. 2025

IVANOVICH, Ana Carolina Friggi; GESSER, Marivete (2020). **Deficiência e capacitismo**: correção dos corpos e produção de sujeitos (a)políticos. Quaderns de Psicologia, 22(3), e1618. <<http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1618>>. Acesso em: 26 mar. 2025

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, E. S.; SANTOS, M. A. S.; SILVA, A. G. A. **O livro didático: Um Estudo da Abordagem da História do Negro em São Luís do Quitunde**. In: VII Semana Internacional de Pedagogia, Alagoas, 2014. Disponível em: <<http://epeal2014.dmd2.webfactional.com/trabalhos-identificado/63-Com-identifica.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2025

OLIVEIRA, Rayssa Rangel. **Audiovisual como recurso didático: experiências durante a licenciatura em Ciências Biológicas e o estágio curricular – 2022**.

SANCHES, Andreza Scheffer; ARAÚJO, Nyara Rosana Kochenborger de; POTIN, Fabrício. Capacitismo, capacitações e inclusão efetiva: desafios para a educação inclusiva a partir da abordagem das capacitações. **Textura**, v.24, n.60, p.335-349, 2022.

VENDRAMIN, Carla. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. In: II Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos – Unicamp, 21 a 30 de agosto de 2019. **Anais...**